



A Palavra do Presidente

Neste primeiro número do **PULMÃO - RJ** da gestão 95-97, opto por ocupar este espaço transcrevendo parte do pronunciamento que fiz por ocasião da abertura do V Congresso de Pneumologia e Tisiologia, em 25 de outubro de 1995.

"Se dialetizada a máxima de Pedro Nava, nosso colega e genial escritor, de que *experiência nada mais é que faróis voltados para trás*, poderia recolocá-las nesse momento, experiência e memória, como faculdades muito privilegiadas que ao tempo que nos remetem ao passado, ou ao vivido, nos iluminam a perspectiva do futuro.

Neste final de século de reivindicação humanista tão subliminar, quando os avanços da ciência e da tecnologia vão tornando nossa aldeia global sensivelmente menor, é que se colocam em confronto cotidiano por um

lado, por exemplo, a biologia molecular e suas respostas exatas a tantas antigas questões da ciência médica e, por outro, velhas doenças recrudescidas, de par com o preconceito exercido sem timidez e ignorando o direito à essencial diferença, com a barbárie étnica e a desigualdade social e econômica e, por que não dizer, até com o nacionalismo usado como contraponto das ideologias socializantes. Neste contexto, onde é que nos colocamos em nosso papel de médicos e de cidadãos?

Somos mais perseverantes do que criadores, ou obstinados na defesa da vida, desnudados de qualquer ingenuidade, por força do dia a dia no gume entre a vida e a morte? Nos nutre certamente a volúpia da curiosidade científica, um certo rigor ético e a esperança, na sua face ambígua de firmeza e de doçura.

É neste mesmo fim de século que nosso campo de semear e colher permanece, de modo particular no Brasil, ainda, o dos grandes contrastes, o das endemias, das doenças de alta morbidade e mortalidade, a exigir a revisão permanente de conhecimentos e firme propósito de cidadania, sem alibi para cumplicidades fáceis, aí entendidos, *pari passu*, a dignidade no exercício da profissão e, sobretudo, a dignidade das condições de vida daqueles a quem assistimos.

Não seria correto, ao meu ver, simplificar que o nosso sistema de saúde está falido: um setor público que pratica um milhão e duzentas mil internações hospitalares por mês no país, que procede 35.000 cirurgias cardíacas por ano, que é capaz de eliminar a poliomielite e chegar perto da eliminação do sarampo, que é virtualmente capaz de

detectar e tratar 90% dos 100 mil casos de tuberculose a cada ano - se recuperada a efetividade observada nos anos 80 -, esses entre outros indicadores operacionais, este é, sem dúvida, um sistema viável e que pode alcançar resultados extraordinariamente satisfatórios, se a ele for reposta a credibilidade indispensável e aplicado o rigor esperado por todos nós no seu saneamento administrativo.

Por outro lado, nossos indicadores epidemiológicos, particularmente no campo das doenças respiratórias, não são alento para a observação passiva; ao contrário, são desafio a invocar ação governamental e não governamental integradas e estreito controle da sociedade civil.

Nos toca uma pesada lista de agravos nesse sentido:

Das doenças ocupacionais respiratórias, em particular a silicose e a asbestose, ambas controladas pelo mundo desenvolvido e ainda tão prevalentes em nosso meio, alvo de medidas de prevenção, ora tardias, ora tímidas, levando à incapacidade para o trabalho e, portanto, violentando a autonomia de homens, na sua maioria, na idade mais produtiva de suas vidas;

Das doenças degenerativas relacionadas ao hábito de fumar, desde o câncer do

.....>

“...a máxima de Pasteur nos define movidos pela fé científica que dá ardor ao trabalho, a imaginação que inspira as idéias, a perseverança que as alimenta, a crítica que as controla, o rigor experimental que as comprova e, igualmente, a independência e o desinteresse material que são consequência da paixão pela verdade.”

<.....

pulmão às obstrutivas crônicas, que pedem tantos investimentos na educação sanitária, especialmente dirigidos às faixas etárias jovens, até tecnologia de ponta para tratamento;

Da tuberculose em seu momento agudo de recrudescimento, a partir dos surtos nosocomiais no primeiro mundo, e do surgimento de formas resistentes à múltiplas drogas, propiciando a triste apropriação de sua iconografia pela

AIDS, no sentido histórico das pestes do momento;

Das demais infecções respiratórias bacterianas, hoje primeira ou segunda causa de morte entre crianças e idosos no Brasil;

Da asma de prevalência tão grosseiramente estimada ainda em nosso meio, mas de mortalidade crescente, como no resto do mundo. Estes, entre outros.

Iria ainda, despretensiosamente, à reflexão: como aglutinar em nosso universo cultural e científico, nós que nos valem da inserção social fácil, a máxima de Pasteur que, em seu enorme legado, nos define movidos pela *fé científica que dá ardor ao trabalho, a imaginação que inspira as idéias, a perseverança que as alimenta, a crítica que as controla, o rigor experimental que as comprova e, igualmente, a independência e o desinteresse material que são consequência da paixão pela verdade.*

Talvez possamos justamente aglutiná-la aos atualíssimos conceitos de Michel Foucault e ao que define como a *unidade do olhar médico*, demonstrando como a **Saúde** nunca esteve tão inserida no contexto dos direitos humanos, de justiça, de autonomia e de auto-estima”.

Margareth Dalcolmo
Presidente da SOPTERJ ■